

## LIMITES

Luiz Carlos Corrêa Carvalho  
caio@canaplan.com.br

*“Da sua experiência ou da experiência gravada de outros, os homens aprendem somente o que as suas paixões e seus preconceitos lhes permitem”*

Aldous Huxley – Escritor inglês

Há relativamente pouco tempo, nos últimos 20 anos do Século XX, os países desenvolvidos, em primeiro lugar, começaram a discutir as questões da sustentabilidade do Planeta. Entre as redescobertas e ideologias veio o despertar dos limites físicos da Terra. Os países em desenvolvimento foram se agrupando ao lado dos primeiros na defesa do mundo que conhecemos, principalmente pós Clube de Roma até, nos dias atuais, à Rio +20. Em 2013, no calor dos trópicos e em discussões não técnicas, o Brasil lança o seu Código Florestal como um produto de vanguarda no Planeta Terra, em defesa da sustentabilidade. Outros países, todos os outros, não tem isso e continuam cobrando, continuamente, o Brasil da Amazônia, do Pantanal, do Cerrado.

Esse é um tema recorrente e tem sido extremamente desagradável, por ser um claro posicionamento “segura Brasil”. Quando um país é assim discriminado, no mínimo, a expectativa é pela reação do seu Governo, na defesa comercial do seu país. Também recentemente, instituições Globais – ONU/FAO e a OCDE – lançaram um convite formal ao Brasil, para compromissar-se com a responsabilidade de responder por 40% do aumento da produção de alimentos até 2030.

A base das projeções globais dessas instituições se ampara no crescimento populacional esperado, nos ganhos de renda per capita, no processo acelerado da urbanização e as consequentes mudanças no consumo.

É claro que isso guarda relação direta com os limites físicos do Planeta Terra, agregada a fundamental sustentabilidade para o atendimento, via oferta, ao forte crescimento da demanda para as próximas décadas.

O atestado dos organismos internacionais, ao Brasil, é a da sua eleição como foco de expansão de oferta face disponibilidade física, com tecnologia tropical própria e sustentável. Os cerca de 170 milhões de hectares de pastagens, em pleno desenvolvimento tecnológico, tem o potencial de liberar área do tamanho de tudo o que se usa hoje na produção de alimentos e de energia renovável!

A avaliação lógica desse quadro é a não existência de limites físicos, no Brasil, para as metas oficialmente delineadas, mas, por outro lado, uma constante atitude internacional de má vontade com o país sobre isso, uma omissão imperdoável do governo brasileiro e, mais que isso, políticas públicas dos últimos anos que afastam o investimento no agronegócio nacional.

Quais são, então os limites do Brasil?

Tem-se que iniciar com o fato do populismo, de ter olhos somente ao oportunismo e à corrupção, fatos aliás que sempre caracterizaram a América Latina e que tínhamos a esperança de estarmos em outra dimensão.

O outro exemplo é o das camadas sociais de baixa renda, cujos problemas podem ser enfrentados de forma definitiva, no longo prazo, ou disfarçados via Bolsas - Ajuda. Discutir esse tema não é o propósito deste artigo mas comentá-lo é fundamental para caracterizar o populismo como modo de alongar o poder atual e, com isso manter os limites baixos de crescimento.

Segundo Delfim Neto, *“A classe média está desiludida, mas o andar de baixo continua feliz com o aumento da renda. É o andar de baixo que vai decidir a eleição”*.

Há no Brasil (também no mundo) uma desagradável falta de líderes. É verdade que esse veranico de lideranças na história da humanidade, é só um sopro..... No entanto, quem vive nesse período sabe o quão longo é suportá-lo.

A falta de líder faz lembrar um, brasileiro, Presidente Juscelino Kubistchek, que disse: *“Costumo voltar atrás, sim. Não tenho compromisso com o erro.”*

Hoje, no caso brasileiro do setor canavieiro, nossa Presidenta tem, infelizmente, compromisso com o erro! E isso cria um mal estar e consequências monumentalmente negativas. O compromisso com um erro face preconceito (agroindústria canavieira) somente é explicado com muitos anos de psicanálise, pois no campo sócio-ambiental-econômico o etanol como excelente produto brasileiro é fato de concordância no mundo, exceto no da Presidência do Brasil.

O Brasil, desde o 2º Governo Lula, escolheu para seu desenvolvimento energético um “atalho”, chamado Pré-Sal, que teria a mesma prioridade das energias renováveis.....Fato: O etanol está agonizando e a Petrobrás sangrando.....

O modelo dançou? O Brasil importa gasolina, etanol..... a balança comercial sempre negativa?

Os temores globais – insegurança alimentar e energética – somados às previsões de colapso ecológico (aquecimento global), levam ao perigo de potencial ruptura de paz, como se viu no Século XX. O que se vê, hoje, de prático, é o silêncio da maioria, muito mais reativa que pró-ativa. E no Brasil?

Em 2013, Gustavo Franco publicou um artigo cujo título era “Brasil, o Indeciso”. Em sua crítica acentuava o fascínio exercido pela feitiçaria econômica na região, realçando outro limite: o da tendência ao surrealismo populista.... Mario Vargas Lhosa qualifica a América Latina como uma terra propícia ao surrealismo, à beleza inebriante da fantasia e da intuição, e à desconfiança para com o racional.

Vejam o exemplo norte-americano de planejamento, na relação governo-setor privado, na área de energia: cinco anos atrás, a oferta mundial de petróleo teria atingido o seu pico e a produção de gás caía nos EUA. Com a tecnologia (horizontal drilling; hydraulic fracturing) para a retirada de gás e petróleo do xisto, entre 2007 e 2012 a produção somente do gás saltou de 5% para 39%!

No ano de 2013 os EUA superaram a Rússia como produtor de energia e, em 2014, segundo a Agência Internacional de Energia, superará a Arábia Saudita.

Enquanto isso, no Brasil, quem plantou cana no início de 2013 para colheita em 2014, imaginava crescimento do PIB e preços melhores; o governo plantou redução de preços de energia elétrica, imaginando clima normal (dependência brasileira das chuvas); o baixíssimo crescimento do país, a seca do final da primavera e a intensa seca do verão travou o crescimento da cana e secou os rios; impactando ambos os “plantios” citados; um potencial apagão de energias é a resultante disso, além do esgotamento dos recursos da Petrobras, face congelamento dos preços, estrangulando o etanol. E o Governo segue insistindo que está tudo sob controle!

Estes são os limites do Brasil e a tragédia do populismo, do comportamento autoritário. Que tal libertá-lo em outubro de 2014? Está nas mãos dos que depositarão o voto, único modo de reverter esse processo de sangria.....

